



FORMAÇÃO DE MULHERES COMO MECANISMO DE INCLUSÃO DIGITAL NA AMAZÔNIA TOCANTINA - PARÁ

Training women as a mechanism for digital inclusion in the Tocantins Amazon - Pará

Formación de mujeres como mecanismo de inclusión digital en la Amazonía Tocantina - Pará

Radija Natanny Corrêa Dias¹
Maria Sueli Corrêa dos Prazeres²

Resumo: O artigo apresenta os resultados de um projeto de formação para mulheres visando a inclusão digital na Amazônia, por meio de palestras, rodas de conversa e oficinas virtuais. Os resultados apontam a necessidade de formação docente para reduzir desigualdades no acesso a recursos tecnológicos. Apesar de reconhecerem a importância das tecnologias digitais, as mulheres enfrentam barreiras como instabilidade da conexão, falta de formação, limitação dos aparelhos tecnológicos e a tripla jornada de trabalho das mães-docentes. As análises revelam a urgência de formação inicial e continuada e políticas de inclusão para que as mulheres explorem o potencial das tecnologias em suas vidas e trabalhos na Região Tocantina.

Palavras-chave: Educação. Formação. Tecnologias digitais. Inclusão digital. Mulher.

Abstract: The article presents the results of a training project for women aimed at digital inclusion in the Amazon, through lectures, discussion circles, and virtual workshops. The results indicate the need for teacher training to reduce inequalities in access to technological resources. Although they recognize the importance of digital technologies, women face barriers such as unstable connections, lack of training, limitations of technological devices, and the triple burden of work as mother-teachers. The analyses reveal the urgency of initial and ongoing training and inclusion policies so that women can explore the potential of technologies in their lives and work in the Tocantins Region.

Keywords: Education. Training. Digital technologies. Digital inclusion. Women.

Resumen ou Résumé: El artículo presenta los resultados de un proyecto de formación para mujeres con el objetivo de inclusión digital en la Amazonía, a través de charlas, mesas de

¹ Graduanda do curso de Pedagogia. Universidade Federal do Pará (discente), Oeiras do Pará, Pará, Brasil. E-mail: radija.dias@cameta.ufpa.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0944003624563468>; Orcid iD: <http://orcid.org/0009-0009-5571-2244>.

² Doutorado em Educação. Universidade Federal do Pará (docente), Cametá, Pará, Brasil. E-mail: suelicorrea@ufpa.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7320780651650730>; Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0001-8119-6313>.

conversación y talleres virtuales. Los resultados apuntan a la necesidad de formación docente para reducir las desigualdades en el acceso a recursos tecnológicos. A pesar de reconocer la importancia de las tecnologías digitales, las mujeres enfrentan barreras como la inestabilidad de la conexión, la falta de formación, las limitaciones de los dispositivos tecnológicos y la triple carga laboral de las madres-docentes. Los análisis revelan la urgencia de formación inicial y continua y políticas de inclusión para que las mujeres puedan explorar el potencial de las tecnologías en sus vidas y trabajos en la Región Tocantina.

Palabras clave ou Mots clés: Educación. Formación. Tecnologías digitales. Inclusión digital. Mujeres.

Introdução

O artigo descreve e analisa os resultados do curso de formação³ para mulheres acadêmicas do Curso de Pedagogia e professoras da educação básica da Região do Baixo Tocantins para a utilização de ferramentas digitais na educação. A formação visou amenizar as desigualdades digitais e contribuir com o desempenho acadêmico e profissional de mulheres do campo, da cidade, ribeirinhas, comunidades quilombolas da Região do Baixo Tocantins. As ações/atividades do curso desenvolvidas no espaço digital, por meio de palestras, rodas de conversas e oficinas teórico-práticas, voltaram-se à inserção das tecnologias digitais nas atividades de pesquisa e extensão das acadêmicas e das professoras da educação básica.

O curso de formação de mulheres na Amazônia Tocantina, destinado às professoras da educação básica e acadêmicas do curso de Pedagogia contou com a participação de 60 professoras da educação básica, 20 acadêmicas de diversos cursos e 20 acadêmicos voluntários do Curso de Pedagogia (destes dois voluntários são homens), dos diversos municípios da Região do Baixo Tocantins - Limoeiro do Ajurú, Cametá, Igarapé-Miri e Mocajuba entre outros.

O curso possibilitou criar um espaço digital (laboratório) para formação de mulheres acadêmicas e da educação básica e, como isso, o desenvolvimento de ações/atividades que possibilitaram experiências com uso das tecnologias digitais móveis voltadas para o campo educacional. A criação desse espaço de formação, além de fortalecer processos de inclusão digital, tão caros aos sujeitos da Região do Baixo Tocantins, contribuiu para amenizar as desigualdades de acesso aos recursos digitais por mulheres e meninas e fortalecer a luta e enfrentamento dos atuais problemas presentes na realidade amazônica.

³ Projeto de extensão “Laboratório digital de práticas educacionais como mecanismo de inclusão de mulheres na Região do Baixo Tocantins”, vinculado ao Programa Navega Saberes Infocentro/PROEX/UFPA.

Percurso metodológico do projeto de extensão

O curso de formação/qualificação foi realizado no espaço digital visando à qualificação de acadêmicas do Campus Universitário do Tocantins, bem como, docentes que atuam em unidades educacionais na Região do Baixo Tocantins, em espaços urbanos, campo, ribeirinhos e quilombola. As atividades realizadas compreenderam palestras, oficinas e diálogo com as mulheres com objetivo de socializar as experiências apreendidas e vivenciada durante a formação para uso e apropriação das tecnologias na educação. As palestras e oficinas remotas foram teórico-práticas e desenvolvidas considerando as potencialidades, necessidades e aspiração das participantes inscritas no projeto.

O curso de formação de mulheres ocorreu no período de agosto de 2023 a julho de 2024. Nesse sentido, as inscrições para participação nas formações tiveram início no mês de dezembro de 2023 e estenderam até janeiro de 2024, com a divulgação em redes sociais, mídias digitais e escola da educação básica e nas turmas do Curso de Pedagogia, utilizando-se do *google forms*, presencialmente nas escolas de educação básica e por meio de grupos de *WhatsApp* de alunos.

Nos meses de janeiro e fevereiro/2024 ocorreram o planejamento das oficinas, elaboração dos materiais e recursos a serem utilizados na formação. As formações foram realizadas nos meses de março, abril, maio, junho e julho de 2024 e finalizada com diálogo com as mulheres sobre o uso e apropriação das tecnologias digitais pelas mulheres.

Análise dos resultados no ambiente digital de formação

As formações com as discentes e docentes começaram após o mês de setembro de 2023, pois inicialmente houve uma reunião envolvendo a equipe técnica do projeto e os bolsistas voluntários, onde foram discutidas e planejadas as ações dos projetos. Em seguida, aconteceu o planejamento das oficinas, elaboração dos materiais e recursos a serem utilizados na formação, que ocorreram nos meses de janeiro e fevereiro de 2024. Após a seleção das mulheres, no mês de março 2024 foi realizado um levantamento situacional para compreender a realidade da oferta tecnológica das unidades de ensino. O objetivo foi identificar as tecnologias disponíveis em seus locais de trabalho, as dificuldades e os desafios enfrentados pelas mulheres, bem como que tecnologias digitais desejavam conhecer e utilizar. As análises

dos dados foram essenciais, pois foi possível selecionar as plataformas que as participantes mais desejavam conhecer e utilizar no seu trabalho/estudo.

Os dados coletados apontaram que as mulheres tem acesso limitado as tecnologias digitais em virtude da ausência de equipamento, a péssima qualidade de internet e a frágil formação para uso das tecnologias digitais na sala de aula. Diante dessa análise, iniciaram-se as formações, cientes do grande desafio que seria as formações, mas com o desejo de contribuir com a formação profissional das mulheres docentes e acadêmicas da Região do Baixo Tocantins. Nesse sentido, identificou-se que a formação de professores, tanto inicial como continuada é fundamental para proporcionar conhecimentos teóricos e práticos que permitam o contato com as tecnologias educacionais (HAVARIAS, 2020).

No mês março de 2024, houve o primeiro encontro de formação com as mulheres participantes do curso. A palestra que teve como tema “Lugar de mulher é também na tecnologia” aprofundou as análises sobre o tema da igualdade de gênero e inclusão digital, com objetivo de nivelar o conhecimento entre as participantes do projeto. Os diálogos enfatizaram o debate sobre o tema da desigualdade digital entre gênero, além de refletir sobre dados estatísticos que evidenciam a necessidade de formação de mulheres para a inclusão digital. A atividade possibilitou um diálogo com as mulheres e a relação que estabelecem com as tecnologias digitais, os limites e desafios que enfrentam para acessar os recursos digitais na região.

No mês de abril 2024 houve um encontro com as mulheres com objetivo de discutir e dialogar sobre a realidade de acesso de mulheres no ambiente digital. As discussões enfocaram os estudos e pesquisas sobre as desigualdades de gênero no mundo digital, bem como a análise do acesso e uso das tecnologias digitais pelas mulheres. A dinâmica utilizou a nuvem de palavras (*Mentimeter*) tendo como questões para o debate: o que vem à mente quando pensa em tecnologias?

A sondagem interativa utilizando a plataforma *Mentimeter* com as participantes apontou que as mulheres já conheciam algumas tecnologias digitais e as utilizavam no seu cotidiano e trabalho. O *WhatsApp*, *Youtube*, *Facebook* e *Instagram* foram as tecnologias apontadas por maior número de professoras. Identificou-se assim que as mulheres possuíam familiaridade com algumas tecnologias digitais que são usadas com maior frequência pela sociedade. Todavia, no contexto do diálogo com as docentes apontaram que tais tecnologias não eram utilizadas no contexto educacional, mas para atividades pessoais.

Sobre a percepção das mulheres sobre seu processo de inclusão digital, as discussões apontaram que as mulheres não se sentiam incluídas no mundo digital, em virtude de ausência de formação e dificuldade no acesso as ferramentas digitais. Os dados apontados pelas mulheres indicam que ainda existe uma parcela significativa da sociedade excluída deste avanço tecnológico, em especial as mulheres (CARVALHO, 2003, p. 22).

As formações foram realizadas nos meses de março, abril, maio, junho e julho de 2024 e finalizada com diálogo com as mulheres sobre o uso e apropriação das tecnologias digitais pelas mulheres. As formações foram realizadas utilizando plataformas diversificadas incluindo Mural Interativo (*Padlet*), Lousa digital, *Miro*, *Prezi*, *Kahoot*, jogos educativos (*Slido*), *Mentimeter* (Nuvem de palavras) entre outras. A dinâmica das formações ocorreu desde o primeiro passo que é a criação do perfil nas plataformas, até os exercícios de experimentar as ferramentas disponíveis, sempre propondo atividades para aprimorar os conhecimentos. As atividades de experimentar as plataformas, é indispensável, pois se entende que é necessária a teoria e prática para se apropriar das ferramentas.

Levando isto em consideração, a cada plataforma uma atividade era proposta, na formação sobre o *Kahoot*, foi realizado um jogo, com algumas perguntas de múltiplas escolhas e verdadeiro e falso. Como incentivo, houve a premiação de 3 livros aos 3 primeiros colocados, essa dinâmica possibilitou a interação entre as participantes e um diálogo sobre as questões entre mulheres e tecnologias presentes nas questões do jogo.

Dessa forma, as formações possibilitaram o contato com algumas tecnologias educacionais contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem, também, as reflexões e debates acerca dessa relação entre mulheres e as tecnologias. Entretanto, no decorrer das formações foi possível analisar um número reduzido de professoras, devido à fragilidade da internet, o uso das plataformas exclusivamente pelo celular, e a dupla jornada de trabalho das participantes mães. Como afirma Almeida (2021, p. 62) “A falta de acesso à Internet, de capacitação e, ainda, os altos custos dos equipamentos deixam para trás uma parte da população [...]”. Ou seja, essa escassez acentua a desigualdade digital, principalmente de mulheres, mas, apesar dos desafios enfrentados no caminho, as que participaram interagiram e conseguiram aprender o básico sobre as principais tecnologias educacionais.

Concluídas a formação, as participantes do projeto foram orientadas a produzidos materiais que auxiliem no processo ensino-aprendizagem, bem como, realizar intervenção em

seus locais de trabalho, utilizando as metodologias trabalhadas na formação. Cada ação/atividades de intervenção buscou evidenciar, na prática, como as tecnologias digitais podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem.

Durante a formação foram trabalhadas diversas plataformas colaborativas que podem ser trabalhadas no contexto de sala de aula, contribuindo para que as aulas e atividades sejam mais dinâmicas e atrativas. Nesse sentido, Havarias (2019, p. 25) afirma que “a tecnologia aliada à prática pedagógica traz diversos benefícios, torna a sala de aula mais atrativa, aproxima o professor dos alunos, entre outras vantagens”.

Deste modo, as formações ocorreram através da plataforma do *google meet*, inicialmente, às quintas-feiras, às 19h. Todavia, muitas mulheres relataram dificuldades de participação e, em diálogo com as participantes e equipe do projeto, houve necessidade de alteração do dia e horário para garantir a participação das mulheres, ficando acordado as formações aos sábados, às 18h. Todavia, apesar da mudança, ainda assim, observou-se a ausência de uma maior participação das mulheres na formação.

Assim sendo, as formações ocorreram no sentido de potencializar a utilização das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas das docentes da educação básica, e contribuir para as atividades de pesquisa e extensão das acadêmicas do curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins Cametá. Nos diálogos e conversas foram socializadas as experiências aprendidas durante as formações, bem como apontados os limites e desafios para a inclusão de mulheres na Amazônia e na Região do Baixo Tocantins.

Reflexões teóricas sobre a desigualdade digital entre gênero

As estatísticas comprovam que nos últimos anos o acesso às redes sociais vem crescendo, cerca de 60 milhões (80%) de domicílios no Brasil possuem acesso à internet, e está presente no cotidiano da maior parte da população brasileira, o que não deixa de ser um significativo avanço em termos tecnológicos e de oportunidades de trabalhos. (CGI, BR 2022). Porém, ao examinarmos a questão do avanço tecnológico no Brasil chegamos à conclusão que ainda há uma desigualdade digital notória entre classes, gêneros e regiões.

O cenário se torna mais complexo ao analisarmos as desigualdades digitais entre gênero no Brasil do século XXI. A questão da desigualdade de gênero é um problema social e estrutural que afeta negativamente as oportunidades e os direitos das mulheres em relação aos homens. De acordo com Ende; Oliveira (2020, p. 214) “as mulheres são historicamente postas em

posição de inferioridade em relação aos homens”. Essa realidade corrobora para esse processo uma vez que as tecnologias, que desde sua concepção, tem excluído as mulheres e pode, sem dúvidas, excluí-las de seu uso.

Nesse sentido, Tresca (2021) destaca que há muitos questionamentos sobre o motivo das mulheres não participarem na governança da internet no Brasil e aponta que talvez seja pelo fato de haver um pensamento enraizado de que essa função cabe aos homens. Historicamente, a área de tecnologia tem sido dominada por homens, o que resulta em ambientes de trabalho e educação com viés masculino. Além disso, Júnior *et al* (2021) acrescentam que as mulheres que conseguem ingressar na área tecnológica precisam ser fortes e decididas para superarem a discriminação e o machismo presentes neste setor.

Nessa perspectiva, as desigualdades digitais e econômicas são intensamente divulgadas e reconhecidas pela Organização das Nações Unidas. Logo, a pauta da igualdade de gênero e a diminuição da desigualdade digital, foram incorporadas, em 2015, dentre os dezessete Objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (ODS). Assim, o objetivo 5 (cinco) pretende alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, e o objetivo 9 (nove) que aborda sobre indústria, inovação e infraestrutura, tem em sua meta (9. c) a redução da desigualdade digital, promovendo o aumento do acesso as tecnologias digitais e oferecendo preços acessíveis nos países menos desenvolvidos (ONU, 2018).

Jaskiw; Lopes (2020, p. 244) complementam que “[...] como tudo numa sociedade de classes, as tecnologias não são para todos”, e quando se trata de gênero, as tecnologias não são usadas de forma justa e igualitária entre homens e mulheres. Essa desigualdade acontece tanto pelo domínio das ferramentas digitais, pelas oportunidades de aprender, por falta de instrução apropriada, por questões financeiras, culturais e sociais, o que torna a inclusão digital de mulheres uma realidade distante.

Assim sendo, os resultados das formações realizadas com as mulheres evidenciaram justamente os motivos apresentados anteriormente, que impactaram sua trajetória no curso. As oficinas teórico-práticas revelaram uma realidade complexa e desafiadora para as mulheres que se inscreveram no curso. Embora tenham demonstrado interesse e disposição para aprender, encontraram uma série de obstáculos que limitaram sua participação efetiva. Uma das principais barreiras identificadas foi à instabilidade da conexão e a baixa velocidade de transmissão que

prejudicaram a experiência de aprendizado, levando a desistência de algumas participantes, principalmente as que residem em áreas rurais.

A pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros evidenciou que, 54% dos usuários de áreas rurais acessaram a internet em 2020, enquanto de áreas urbanas o percentual ficou em torno de 84% (CGI, BR, 2020). Diante disso, a cobertura da rede digital não alcançava as docentes e acadêmicas residentes das áreas rurais, uma vez que a Região do Baixo Tocantins é formada por ilhas, rios, furos e igarapés. O IDEC (2022, p. 03), por exemplo, aborda o acesso à internet na Região Norte, afirmando que, “A baixa qualidade da conexão, a cobertura limitada e os preços exorbitantes são as principais características do acesso à internet na região Norte do Brasil”. Essa fragilidade no acesso à internet não apenas comprometeu a eficácia das formações, mas também ampliou as desigualdades existentes, afastando ainda mais as mulheres de oportunidades de capacitação e desenvolvimento profissional.

Além disso, os resultados mostraram que à falta de acesso adequado aos recursos tecnológicos necessários para acompanhar os cursos, foi um motivo desafiador para as mulheres. Muitas mulheres dependiam exclusivamente de seus celulares para acessar o conteúdo, o que, devido às limitações do aparelho e desempenho, dificultava a assimilação e a prática do passo a passo das plataformas. Conforme a pesquisa nacional por amostra domicílios contínuos, 85,8% das mulheres e 83,0% dos homens possuía aparelho celular para uso pessoal em 2021 (IBGE, 2022). Diante do exposto, se observa um número considerável de mulheres utilizando o celular, considerando que é o único aparelho tecnológico que muitas delas possuem. No curso poucas docentes e graduandas assistiam as formações pelo computador ou tablet, ou seja, é nítido que as questões econômicas também acentuam a desigualdade digital entre as mulheres.

Outro obstáculo significativo identificado foi à sobrecarga de trabalho enfrentada pelas mães-docentes, muito delas tinham jornadas extenuantes, entre responsabilidades domésticas, cuidado com a família e profissional. Essa sobrecarga de trabalho das mulheres foi bastante visível no tempo da pandemia, onde as docentes-mulheres tiveram que conciliar as tarefas de casa com as atividades remotas (PANTOJA, 2022). Essa dupla e/ou tripla jornada de trabalho acabou limitando o tempo e energia disponíveis das participantes em se dedicar as formações, pois não conseguiram acompanhar as formações com êxito.

Os papéis sociais que a sociedade designa para homens e mulheres são diferentes, “[...] percebe-se como a mulher foi (e ainda é) confinada à vida doméstica, aos cuidados do lar, da prole e do marido” (VASCONCELLOS, 2021, p. 40). Essa realidade, infelizmente, perpetua de geração em geração, o que restringe as mulheres de participar na esfera pública e no mercado de trabalho, acentuando as desigualdades digitais por gênero. Mesmo com os atuais avanços, a divisão desigual de deveres ainda continua, com isso, persiste a luta em direção à igualdade de gênero e à desconstrução desses estereótipos impregnados na sociedade.

É nessa direção que Torres *et al* (2017) defendem que desde infância é crucial promover discussões sobre igualdade de gênero na sociedade, escolas e famílias, que respeite a construção da identidade das crianças, permitindo que cresçam sem essas imposições. Ou seja, deixar claro que lugar de mulher é onde ela quiser, nas áreas das Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática são para mulheres também. Oportunizando, assim, a redução das diferenças por gênero, tanto no mercado de trabalho, quanto nas famílias e profissões.

Observou-se, também, a diversidade de experiências e conhecimentos que as mulheres trouxeram para o contexto das tecnologias educacionais. Pois, algumas mulheres já possuíam um amplo domínio no uso das tecnologias, e podiam compartilhar suas habilidades e conhecimentos, contribuindo para o crescimento das demais. Outras conseguiam aprender rápido o comando repassado, enquanto uma parcela significativa das docentes possuía dificuldades de manusear as plataformas. O reconhecimento e valorização do ritmo de aprendizado de cada mulher enriqueceram as formações, possibilitando um ambiente digital motivador e inclusivo.

Logo, pensar em formações iniciais e continuadas que possibilite aos professores o contato com as tecnologias educacionais é necessário, oferecendo suporte tecnológico que os auxilie a desenvolver alternativas para enriquecer suas práticas com o uso de recursos digitais. Assim, os professores desenvolveriam a fluência digital a partir da familiaridade com o uso de tais recursos digitais. Sobre fluência digital Modelski, Giraffa, Casartelli (2019) afirmam que, à medida que o professor desenvolve maior fluência digital, ele pode encontrar mais facilidade em fazer conexões entre as práticas que utiliza e uma possível versão digital.

Diante dos resultados apresentados, torna-se evidente que a simples inscrição em cursos de uso e apropriação das tecnologias digitais não é suficiente para promover a inclusão e a capacitação efetiva das mulheres nessa área. É necessário o desenvolvimento de políticas

públicas que garantam o acesso igualitário às ferramentas e recursos digitais, bem como a melhoria da infraestrutura de conectividade para assegurar uma internet de qualidade para todos. Também, é fundamental que as formações iniciais e continuadas levem em consideração as individualidades e realidades das mulheres do Baixo Tocantins, abrangendo aspectos culturais e sociais que influenciam seu cotidiano.

As formações precisam ser adequadas às inúmeras demandas que as mulheres enfrentam no dia a dia, como estudos, trabalhos e tarefas domésticas, pois como foi possível analisar na pesquisa, as mulheres possuem uma tripla jornada de trabalho, o que precisa ser considerado na sua capacitação profissional. Assim, a inclusão digital se transforma não apenas em um desafio, mas também em uma oportunidade para fortalecer a autonomia e o empoderamento das mulheres na Amazônia Tocantina. Diante disso, ao investir no potencial das mulheres, estaremos não apenas promovendo a inclusão digital, mas também contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas tenham a oportunidade de seguir a diante e fazer a diferença em suas localidades.

Conclusões

A criação do espaço digital para as professoras da educação básica e acadêmicas do curso de Pedagogia da Região do Baixo Tocantins visou promover a inclusão digital e reduzir as desigualdades de acesso às tecnologias digitais. Ao oferecer um espaço de formação/capacitação para uso e apropriação das ferramentas digitais, o projeto não apenas capacitou as mulheres a usarem as plataformas educacionais, mas também empoderou para participarem ativamente da pesquisa, extensão e práticas pedagógicas diferenciadas. Durante as formações foi possível contribuir para a igualdade de gênero no acesso à educação e ao mercado de trabalho.

No decorrer das oficinas teórico-práticas, ficou explícito há necessidade de formação inicial e continuada que possibilite o ensino no ambiente digital de forma que, as mulheres possam, a partir de uma alfabetização tecnológica, explorar o potencial das tecnologias. Pois, segundo Ramos *et al* (2021) as escolas estão cada vez mais inseridas no contexto de uma sociedade evoluída tecnologicamente, com isso é preciso dar condições aos professores para que se apropriem das ferramentas digitais.

Os desafios que surgiram no processo de formação, como a baixa qualidade de internet, a falta de recursos tecnológicos e a sobrecarga de trabalho, reafirmaram a ausência de políticas públicas que garantam o acesso aos direitos dos moradores da Região do Baixo Tocantins.

Como afirma Silva (2021, p. 08) que “a fragilidade de recursos tecnológicos, limita uma dinâmica de atuação pedagógica mais efetiva, o que impossibilita estratégias de uso da tecnologia de forma mais criativa e motivadora em suas aulas”. Os resultados das formações sinalizam para urgentes proposições de ações e políticas que crie ferramentas e condições para a inclusão de mulheres e meninas nas diversas áreas. A luta deve ser no sentido de garantir que as desigualdades de acesso sejam encurtadas e que mulheres e meninas possam ter acesso à internet e as tecnologias diversas de maneira qualificada.

Em síntese, acredita-se que o curso de formação contribuiu para que as docentes e acadêmicas pudessem aprender a utilizar algumas tecnologias em suas práticas pedagógicas, mas também, fortalecer a luta por inclusão digital, construindo subsídios acerca da relação entre as mulheres e tecnologias, buscando melhores oportunidades e direitos iguais em todas as esferas públicas e no mercado de trabalho. Com esse compromisso com todos, podemos almejar um futuro onde as mulheres não apenas usufruem das tecnologias, mas também sejam o centro do seu processo de ensino e aprendizagem.

Referências

ALMEIDA, S. L. de. O cancelamento nosso de cada dia: A perpetuação da violência contra mulher na internet. *In*: BARBOSA, Bia (org.). **Produção da Coletânea de Artigos Tendências e Desafios TIC, Governança da Internet e Gênero**. Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI, br, 2021. Disponível em:

<https://cgi.br/media/docs/publicacoes/4/20210422084146/ColetaneadeArtigos_TIC_GovernancadaInternet_Genero_digital_CGIBr.pdf> Acesso em: 23 de out. de 2023.

CARVALHO, M. G. de. Relações de gênero e tecnologia: uma abordagem teórica. **Em Relações de Gênero e Tecnologia**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2003. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/2004/1416> Acesso em: 13 de out. de 2023.

CGIBR, Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa TIC Domicílios 2020**. 2021.

Disponível em:

https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201505/resumo_executivo_tic_domicilios_2020.pdf. Acesso em: 20 Mar. 2023.

CGIBR, Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa TIC Domicílios 2022**. Disponível em:

<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143348/resumo_executivo_tic_domicilios_2022.pdf> Acesso em: 28 de set. de 2023.

ENDE, B. V.; OLIVEIRA, R. S. de. Desigualdade de gênero e tecnologia: entre mulheres e algoritmos. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 210–219, 2020.

Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/249>. Acesso em: 10 out. 2023.

HAVIARAS, M. Proposta de formação de professores para o uso de tecnologias educacionais. **REVISTA INTERSABERES**, [S. l.], v. 15, n. 35, 2020. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1762>. Acesso em: 18 out. 2023.

HAVIARAS, M. **A formação inicial de futuros pedagogos em Instituições de ensino superior privadas do município de Curitiba para a utilização de tecnologias educacionais**. 2019. 223 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <[riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4252/1/CT_PPGTE_D_Haviaras%2C Mariana_2019.pdf](riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4252/1/CT_PPGTE_D_Haviaras%2C%20Mariana_2019.pdf)> Acesso em: 31 de out. de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021/IBGE, Coordenação e Pesquisas por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963> Acesso em: 16 de out. de 2023.

IDEC. Acesso à Internet na Região Norte do Brasil. **Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor e Derechos Digitales**. Mar. 2022. Disponível em: <<https://idec.org.br/pesquisas-acesso-internet>> Acesso em: 19 de out. de 2023.

JASKIW, Eliandra Francielli Bini; LOPES, Claudemira Vieira Gusmão. A pandemia, as TDIC e ensino remoto na educação básica: desafios para as mulheres que são mães e professoras. **SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 231–250, 2021. DOI: 10.36704/sciaseducomtec.v2i2.5033. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/5033>. Acesso em: 19 de out. de 2023.

JÚNIOR, E. W. R., et al. A inserção da mulher no mercado de trabalho na área da tecnologia. **Revista eletrônica da Faculdade Invest de Ciências e Tecnologias**, v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <http://revista.institutoinvest.edu.br/index.php/revistainvest/article/view/32> Acesso em: 19 de out. de 2023.

MODELSKI, D.; GIRAFFA, L. M.; CASARTELLI, A. de. O. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educação e Pesquisa**, v. 45, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/qGwHqPyjqbw5JxvSCnkVrNC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 de out. de 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>> Acesso em: 17 de out. de 2023.

PANTOJA, T. B. **Educação superior em tempos de distanciamento social: os desafios do trabalho docente na Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins**. Tamires Brito Pantoja. 2022. 153 fl. Dissertação (Mestrado e Educação e Cultura). Universidade Federal do Pará, Pará, 2022. Disponível em: <https://ppgeduc.proresp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/169-2014> Acesso em: 19 de out. de 2023.

RAMOS, S. de C. D, *et al.* Nas sinuosidades das Tecnologias na educação do campo: Reflexões sobre Formação Continuada de Professoras de Escolas do Campo *In*: SILVA, B. M.V.; PRAZERES, M. S. C. do. **Tecnologias digitais na educação [livro eletrônico]: in(ex)clusão digital no contexto da Região do Baixo Tocantins**. Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 96p. Disponível em: <https://www.editorapantanal.com.br/ebooks/2021/tecnologias-digitais-na-educacao-inexclusao-digital-no-contexto-da-regiao-do-baixo-tocantins/Cap7.pdf> Acesso em: 19 de out. de 2023.

SILVA, L. de J. G. **Tecnologias digitais na educação: experiências pedagógicas com uso do celular por adolescentes do município de Cametá/PA**. Lidiane de Jesus Gonçalves Silva. 2021. 124 fl. dissertação (Mestrado e Educação e Cultura). Universidade Federal do Pará, Pará, 2021. Disponível em: <https://ppgeduc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/159-dissertacoes-finais-turma-2015> Acesso em: 19 de out. de 2023.

TORRES, K. B. V.; BERNARDES, R. M.; QUEIROS, P. S. DE; VIEIRA, T. M.; FELIX, J. C.; URZEDO, A. P. F. M. D.; SOUZA, D. H. L.; MENDES, T. T. Inclusão das mulheres nas ciências e tecnologia: ações voltadas para a educação básica. **Expressa Extensão**, v. 22, n. 2, p. 140-156, 31 out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/11847> Acesso em: 12 de jun. de 2024.

TRESCA, L. C. Participação de mulheres na governança da internet no Brasil. *In*: BARBOSA, Bia (org.). **Produção da Coletânea de Artigos Tendências e Desafios TIC, Governança da Internet e Gênero**. Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI, BR, 2021. Disponível em: https://cgi.br/media/docs/publicacoes/4/20210422084146/ColetaneadeArtigos_TIC_GovernancadaInternet_Genero_digital_CGIbr.pdf Acesso em: 29 de set. de 2023.

VASCONCELLOS, R. N. T. de. **Existência e permanência: um estudo das mulheres na educação profissional e tecnológica**. 2021. Dissertação (Educação Profissional e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSM-20_bfe4b48d4074f3a9290cf3ef8d74ab96 Acesso em: 23 de out. de 2023.

Recebido em: 27 de novembro de 2024

Aceito em: 18 de fevereiro de 2025
